

A APRENDIZAGEM SIMBÓLICA DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO E OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um diálogo possível**THE SYMBOLIC LEARNING OF THE ANCIENT AND ACCEPTED SCOTTISH RITE AND THE FOUNDATIONS OF YOUTH AND ADULT EDUCATION: a possible dialogue**Fabiano Ferreira de Aragão¹

RESUMO: Este artigo investiga se os princípios pedagógicos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) podem contribuir para o aperfeiçoamento das práticas formativas das Lojas simbólicas maçônicas, cuja dinâmica de ensino se baseia na aprendizagem simbólica do rito. O problema central consiste em compreender em que medida a educação maçônica — marcada pela transmissão simbólica, oralidade ritual e construção de sentido pelo iniciado — dialoga com os fundamentos da EJA, voltada ao público adulto e idoso? A hipótese sustenta que há convergências metodológicas entre ambos os campos, especialmente no respeito à experiência, na valorização do diálogo, na problematização e na construção ativa do conhecimento. O objetivo geral é identificar interfaces pedagógicas possíveis entre o método maçônico e os fundamentos da EJA. A metodologia empregada é a pesquisa bibliográfica oriunda da doutrina maçônica e da pedagogia, permitindo avaliar como a EJA pode qualificar a prática educativa maçônica sem alterar sua tradição iniciática.

Palavras-chave: EJA. Rito Escocês. Pedagogia. Educação. Simbolismo.

ABSTRACT: This article investigates whether the pedagogical principles of Youth and Adult Education (EJA) can contribute to the improvement of the formative practices of Masonic symbolic Lodges, whose teaching dynamics are based on the symbolic learning of the rite. The central problem is to understand to what extent Masonic education—marked by symbolic transmission, ritual orality, and the construction of meaning by the initiate — dialogues with the foundations of EJA, aimed at the adult and elderly public. The hypothesis argues that there are methodological convergences between both fields, especially in respect for experience, the valuing of dialogue, problematization, and the active construction of knowledge. The general objective is to identify possible pedagogical interfaces between the Masonic method and the foundations of EJA. The methodology employed is bibliographic research derived from Masonic doctrine and pedagogy, allowing an assessment of how EJA can enhance Masonic educational practice without altering its initiatory tradition.

Keywords: Adult Education. Scottish Rite. Pedagogy. Education. Symbolism

¹ Membro da Loja Independência n.º 22, jurisdicionada a Grande Loja Maçônica do Estado do Maranhão. E-mail: fabianoaragao@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A formação maçônica, especialmente no âmbito das Lojas simbólicas, caracteriza-se por um método pedagógico singular, estruturado na pedagogia do símbolo, na oralidade ritual e na construção progressiva de significados pelo iniciado. Essa dinâmica, própria de um ambiente não formal de educação, dirige-se predominantemente a homens adultos e idosos, cujas trajetórias heterogêneas e experiências profissionais diversas muitas vezes os distanciam do modelo escolar convencional. Paralelamente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) consolidou-se como campo destinado justamente à formação de sujeitos adultos, reconhecendo a centralidade da experiência, do diálogo e da autonomia como fundamentos essenciais da ação educativa (Martins, 2013; Agudo; Teixeira, 2017).

A emergência de metodologias próprias da EJA — como a andragogia, a pedagogia histórico-crítica, a educação popular e a pesquisa como princípio educativo — ampliou a compreensão sobre a aprendizagem adulta e sobre o papel do educador em espaços formais e não formais. No contexto maçônico, tais referenciais tornam-se particularmente relevantes, pois a aprendizagem simbólica depende da capacidade interpretativa, da reflexão crítica e da participação ativa do iniciado, aspectos que convergem com os fundamentos teóricos da EJA (Silva; Nunes, 2016; Reibnitz; Melo, 2021).

Diante desse cenário, formula-se a questão-problema: em que medida o método de aprendizagem simbólica empregado nas Lojas simbólicas dialoga com os fundamentos da EJA, e esse diálogo pode qualificar a prática formativa maçônica sem desfigurar sua tradição iniciática? Parte-se da hipótese de que existe compatibilidade metodológica entre ambos os campos, especialmente na valorização da experiência de vida, na centralidade do diálogo e na construção ativa do conhecimento.

O objetivo geral do estudo é analisar se e como os fundamentos da EJA podem fortalecer o processo de aprendizagem simbólica da Maçonaria. Para tanto, estabelecem-se três objetivos específicos: a) examinar o método formativo maçônico; b) apresentar os fundamentos pedagógicos da EJA; c) realizar análise comparativa, identificando convergências e possíveis aplicações.

O marco teórico articula autores da EJA (Vóvio *et al.*, 1997; STRECK; SANTOS, 2011; Agudo; Teixeira, 2017), teorias contemporâneas de aprendizagem (Vasconcelos; Praia; Almeida, 2003) e estudos sobre ensino maçônico (Oliveira; Leray; Ferreira, 2021; Monteiro; Ismail, 2019).

Metodologicamente, adota-se abordagem indutiva, com método socioeducativo crítico e caráter diagnóstico, valendo-se de pesquisa bibliográfica, o que possibilita comparar modelos pedagógicos e identificar interfaces possíveis entre a EJA e a formação maçônica.

2. O MÉTODO DE APRENDIZAGEM MAÇÔNICO: FORMAÇÃO SIMBÓLICA, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A pedagogia maçônica constitui-se como um modelo formativo singular, cuja estrutura repousa sobre a utilização sistemática de símbolos, alegorias e narrativas ritualísticas. Essa característica, amplamente reconhecida pela literatura maçônica brasileira, demonstra que o processo de aprendizagem nas Lojas simbólicas se desenvolve por meio de um método que privilegia a vivência, a interpretação e a internalização subjetiva dos conteúdos filosóficos do rito, em contraste com modelos tradicionais baseados na transmissão direta de informações.

O sistema simbólico cumpre papel pedagógico essencial ao atuar simultaneamente como dispositivo de memória e como instrumento de reconstrução reflexiva do conhecimento, aproximando o iniciado de uma compreensão experiencial do conteúdo do ritual (Castro, 2002). Nesse sentido, a formação maçônica ultrapassa a mera instrução e se configura como um processo de imersão progressiva em significados que emergem da prática ritual e da reflexão sobre ela. Trata-se, portanto, de uma pedagogia essencialmente experiencial. A compreensão do símbolo não ocorre pela via puramente intelectual, mas por meio da articulação entre ação ritual, contemplação e vivência compartilhada. Pesquisas que examinam criticamente a eficácia do ensino maçônico no Brasil destacam que o rito não funciona apenas como cerimônia, mas como método que organiza a experiência formativa em etapas, estruturando um caminho gradual de construção de sentidos pelo iniciado (Oliveira; Leray; Ferreira, 2021). A aprendizagem simbólica só se consolida quando o irmão consegue relacionar o que vivencia em Loja com sua própria trajetória de vida, permitindo que o conteúdo ritual se transforme em referência ética, filosófica e existencial.

Outra característica relevante é o fato de que o ambiente maçônico se configura como espaço paradigmático de educação não formal. Não há currículos rígidos, avaliações formais ou sequências didáticas estruturadas; as interações pedagógicas emergem da convivência fraterna, do debate, da interpretação simbólica e da troca de experiências. Estudos sobre educação não formal mostram que ambientes comunitários, marcados

por pertencimento e práticas colaborativas, são particularmente adequados para a aprendizagem de adultos e idosos, sobretudo quando articulam convivência, reflexão e construção de sentido (Antunes; Macedo, 2021). Dessa forma, a Maçonaria realiza, ainda que sem intenção explicitamente pedagógica, práticas de formação contínua compatíveis com modelos educativos destinados a sujeitos maduros, o que a aproxima das abordagens da EJA.

Apesar desse potencial, o método de ensino maçônico enfrenta obstáculos práticos significativos. Pesquisas documentais e diagnósticas apontam que a transmissão do conhecimento ritualístico frequentemente ocorre de modo fragmentado, sem problematização e com pouca mediação pedagógica. Em muitos casos, há prevalência de momentos de aprendizagem baseados na leitura mecânica de instruções ou na repetição acrítica de conteúdos, sem que o iniciado disponha de espaço adequado para formular perguntas, dialogar sobre significados ou relacionar o símbolo às dimensões éticas que lhe conferem sentido (Oliveira; Leray; Ferreira, 2021). Essa realidade revela que o método simbólico, embora sólido em seus fundamentos, depende de intencionalidade didática para que seu potencial formativo se realize plenamente.

A ausência de mediação pedagógica estruturada é confirmada por estudos sobre a evolução do ensino maçônico, que apontam lacunas metodológicas persistentes nas Lojas brasileiras. Pesquisadores indicam que o processo de instrução carece de organização melhor definida, seja pela falta de clareza quanto aos objetivos formativos, seja pela carência de estratégias de ensino adaptadas ao público adulto (Monteiro; Ismail, 2019). Os autores demonstram que, mesmo com a riqueza simbólica do rito, a formação maçônica pode ser prejudicada pela ausência de práticas pedagógicas conscientes e pela tendência à reprodução de modelos passivos de aprendizagem.

Esses desafios tornam-se ainda mais evidentes quando se considera a forte heterogeneidade etária e formativa do público maçônico, composto majoritariamente por homens maduros e idosos, muitos deles distantes de ambientes escolares formais. A literatura sobre EJA e sobre educação não formal aplicada ao envelhecimento evidencia que adultos apresentam ritmos, motivações e modos de aprender distintos, exigindo abordagens pedagógicas contextualizadas, dialógicas e flexíveis (Antunes; Macedo, 2021; Vóvio *et al.*, 1997). Assim, a formação maçônica, para alcançar sua plenitude, depende do reconhecimento dessas especificidades e da incorporação de estratégias que valorizem a experiência, a autonomia e a reflexão crítica.

Diante disso, observa-se que a aprendizagem simbólica — embora seja a essência da pedagogia maçônica — requer mediação didática qualificada para cumprir plenamente sua função. A literatura consultada converge para a conclusão de que o aprimoramento metodológico das Lojas simbólicas exige não apenas respeito à tradição iniciática, mas também abertura para práticas educativas alinhadas às características do público adulto. Essa condição estabelece o terreno necessário para o diálogo com os fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, que oferecem ferramentas conceituais e metodológicas capazes de fortalecer a formação maçônica contemporânea, tema analisado no tópico seguinte.

3. FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANDRAGOGIA, EDUCAÇÃO POPULAR E METODOLOGIAS CRÍTICAS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto campo teórico e prático, desenvolveu-se a partir do reconhecimento de que o sujeito adulto possui características específicas de aprendizagem, distintas daquelas encontradas em crianças e adolescentes. A literatura especializada ressalta que a EJA constitui modalidade própria, não podendo ser entendida como mero desdobramento da educação escolar regular, pois reivindica fundamentos epistemológicos e metodológicos autônomos, diretamente vinculados à experiência de vida, à historicidade e à autonomia dos educandos (Vóvio *et al.*, 1997). O ponto de partida dessa abordagem é o adulto concreto, situado em contextos marcados por trajetórias laborais, inserções socioculturais diversas e aprendizagens prévias, que constituem repertório essencial para novas construções cognitivas. Saberes que, longe de representarem obstáculos, funcionam como alicerces fundamentais para o desenvolvimento de novas competências.

Arroyo (2006) destaca que o alvo para a definição de uma política de educação de jovens e adultos, assim como do educador da EJA deve ser um projeto que dê destaque para que os profissionais conheçam bem quem são os jovens e adultos que serão trabalhados, e qual a história da construção desses jovens e adultos.

Nesse cenário, a andragogia emerge como referência estruturante, ao reconhecer que o adulto aprende de modo orientado por motivações internas, expectativas práticas e significados construídos a partir de sua vivência. A literatura brasileira destaca que, diferentemente da criança, o adulto necessita compreender o propósito da aprendizagem, situar o conteúdo no contexto de sua realidade e participar ativamente do processo formativo (Martins, 2013). A andragogia enfatiza,

portanto, uma pedagogia centrada na experiência, no diálogo e na autonomia, rompendo com modelos verticalizados de transmissão de conteúdo. A motivação interna, o ritmo próprio de maturidade e a capacidade reflexiva constituem elementos centrais dessa abordagem. Assim, a aprendizagem adulta se realiza de forma mais eficaz quando vinculada a situações problematizadoras e à resolução de desafios reais, alinhando-se à ideia de educação significativa.

A EJA também incorpora fortemente os princípios da educação popular, cuja matriz freireana atribui à prática educativa um caráter emancipatório. Em sua concepção, aprender não significa memorizar conteúdos, mas desenvolver leitura crítica da realidade e capacidade de ação transformadora. Autores que examinam o método de Paulo Freire destacam que a problematização das condições sociais concretas, o diálogo como instrumento de construção de sentido e a articulação entre vivência e reflexão constituem pilares da formação adulta (Silva; Nunes, 2016). Essa abordagem rompe com práticas escolares pautadas na repetição mecânica e desloca o foco para a consciência histórica do educando, fomentando sua atuação ativa como sujeito da aprendizagem.

Outro eixo central da EJA é a pedagogia histórico-crítica, que compreende a educação como mediação entre o indivíduo e o conhecimento sistematizado. Essa perspectiva reconhece a necessidade de superação de desigualdades educativas e defende que o ensino deva articular intencionalidade pedagógica e análise crítica das condições objetivas de vida dos educandos. Estudos que aproximam essa pedagogia da EJA afirmam que a formação de jovens e adultos requer organização rigorosa dos conteúdos, clareza metodológica e mediação teórica consistente, capacitando o educando a compreender sua própria inserção histórica e social (Agudo; Teixeira, 2017).

O autor Saviani (2014) disse que na pedagogia histórico-crítica o método pedagógico tem como ponto de referência a prática social. A educação é compreendida como uma intervenção dentro da prática social, se constituindo ao mesmo tempo como o ponto de partida e de chegada da educação.

Assim, a pedagogia histórico-crítica contribui para transformar a experiência imediata em categoria de análise, fortalecendo a autonomia intelectual dos sujeitos.

A concepção da pesquisa como princípio educativo também desempenha papel fundamental na EJA. Nessa perspectiva, aprender significa investigar, problematizar e reconstruir a compreensão do mundo. A literatura destaca que o ato de pesquisar mobiliza conhecimentos prévios, favorece a formulação de problemas e estimula processos

cognitivos complexos, integrando teoria e prática (Reibnitz; Melo, 2021). Essa dinâmica investigativa revela-se especialmente adequada ao ensino de adultos, que tendem a apresentar engajamento intelectual mais elevado quando envolvidos em processos autônomos de busca e construção de sentido.

É nesse ponto que se torna pertinente a contribuição de Vasconcelos, Praia e Almeida (2003), que discutem a transição de modelos pedagógicos centrados na instrução para abordagens que privilegiam a aprendizagem ativa. Os autores destacam que, em contextos contemporâneos, a construção do conhecimento exige operações mentais complexas, envolvimento pessoal e participação efetiva do educando. Segundo essa perspectiva, o processo de ensino deve estimular atitudes investigativas, interpretação crítica e reconstrução de significados, distanciando-se de práticas reprodutivas. Esses elementos dialogam diretamente com a EJA, ao reforçar a necessidade de metodologias participativas e cognitivamente exigentes capazes de mobilizar a experiência do adulto e integrá-la a processos de elaboração conceitual mais ampla.

A educação não formal, outro pilar da EJA, reconhece que processos formativos significativos ocorrem em ambientes comunitários, associativos e culturais, onde a aprendizagem se desenvolve pela convivência, pela interação intergeracional e pela experiência compartilhada. Pesquisas recentes evidenciam que espaços coletivos constituem ambientes privilegiados para a formação de adultos e idosos, pois promovem pertencimento, colaboração e participação ativa, contribuindo inclusive para o envelhecimento bem-sucedido (Antunes; Macedo, 2021). Essa abordagem reforça que a aprendizagem não depende exclusivamente de instituições escolares, podendo emergir de práticas sociais, movimentos populares, coletividades e organizações civis.

Em síntese, os fundamentos pedagógicos da EJA — andragogia, educação popular, pedagogia histórico-crítica, pesquisa como princípio educativo, teorias da aprendizagem ativa e educação não formal — compõem um arcabouço teórico robusto destinado à formação integral do sujeito adulto. Todas essas vertentes convergem na valorização da experiência, da autonomia, do diálogo e da construção ativa do conhecimento. Esse conjunto teórico fornece bases sólidas para o diálogo com o método de aprendizagem simbólica da Maçonaria, como será analisado no tópico seguinte.

4. INTERFACES POSSÍVEIS ENTRE A APRENDIZAGEM SIMBÓLICA DO RITO E OS FUNDAMENTOS DA EJA

A análise comparativa entre a aprendizagem simbólica da Maçonaria e os fundamentos pedagógicos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) revela um conjunto de convergências estruturais que permitem compreender o rito maçônico como método formativo compatível com princípios contemporâneos de educação de adultos. Essa aproximação torna evidente que ambos os campos partem de pressupostos semelhantes — a centralidade da experiência, a importância do diálogo, a construção ativa do sentido e a valorização da autonomia —, ainda que cada um os operacionalize mediante linguagens, finalidades e tradições distintas.

O primeiro ponto de convergência decorre do reconhecimento de que o adulto é sujeito de experiência, conceito fundamental para a EJA. Autores clássicos afirmam que a aprendizagem adulta mobiliza saberes acumulados no trabalho, na vida comunitária e nas práticas sociais, que constituem repertório indispensável para novas aprendizagens (Vóvio *et al.*, 1997). No método maçônico, essa premissa manifesta-se na própria estrutura do rito: o iniciado reconstrói significados simbólicos à luz de sua trajetória, integrando sua experiência prévia aos conteúdos alegóricos e filosóficos que lhe são apresentados. Como observa a literatura maçônica, o símbolo opera apenas quando “reencontra” a vivência do sujeito, tornando-se instrumento de reflexão ética e de aperfeiçoamento moral (Castro, 2002). Assim, tanto a EJA quanto a Maçonaria reconhecem que a aprendizagem adulta não se dissocia da história de vida, mas dela depende para se realizar plenamente.

Outro eixo de aproximação é o diálogo como fundamento pedagógico. Na EJA, o diálogo constitui método e condição para a aprendizagem significativa, pois permite a problematização da realidade e a construção compartilhada do conhecimento (Silva; Nunes, 2016; Streck; Santos, 2011). A Maçonaria, embora estruturada por rituais disciplinados, carece de uma pedagogia dialógica. As instruções, os trabalhos de Loja e as reflexões coletivas funcionam como espaços em que múltiplas interpretações são confrontadas, negociadas e reelaboradas, contribuindo para a formação de uma inteligência coletiva. Pesquisas recentes sobre ensino maçônico indicam que a qualidade desse diálogo fraternal é decisiva para a eficácia das instruções simbólicas e para a compreensão do rito (Oliveira; Leray; Ferreira, 2021). Dessa forma, ambas as tradições educativas entendem o diálogo como mediação indispensável entre experiência, reflexão e ação.

A noção de aprendizagem ativa constitui um terceiro ponto crucial de convergência. A literatura

educacional contemporânea sustenta que processos formativos eficazes exigem participação do aprendente, mobilização de operações mentais complexas e reconstrução contínua do sentido (Vasconcelos; Praia; Almeida, 2003). A aprendizagem simbólica maçônica opera exatamente nesses termos: o iniciado não recebe explicações prontas, mas interpreta signos, investiga significados, compara fontes, formula questões e produz sínteses pessoais. Trata-se de um processo investigativo, próximo daquilo que a EJA denomina “pesquisa como princípio educativo”, no qual o sujeito assume papel ativo na construção do conhecimento (Reibnitz; Melo, 2021). O método maçônico, ao exigir do irmão que elabore peças de arquitetura e estude instruções, confirma essa convergência metodológica.

Um quarto ponto de diálogo decorre do fato de que ambos os campos operam, majoritariamente, dentro do paradigma da educação não formal². A EJA reconhece que espaços comunitários, coletivos e associativos constituem ambientes privilegiados para a aprendizagem adulta, por promoverem pertencimento, interação e troca de saberes (Antunes; Macedo, 2021). A Maçonaria, por sua vez, configura-se como espaço fraternal no qual convivência, ritualística e reflexão compartilham o mesmo plano. Embora possua regras próprias e método ritualístico, a Loja funciona como ambiente de formação continuada, sem currículos formais, sem avaliações tradicionais e fortemente articulada à vivência comunitária — características que a colocam no centro das práticas não formais descritas na literatura educacional.

Essas convergências, contudo, não devem ocultar as fragilidades pedagógicas do método maçônico em sua execução cotidiana. Estudos sobre o ensino maçônico revelam que o potencial formativo do rito nem sempre é realizado plenamente devido à ausência de mediação didática consistente, à falta de intencionalidade pedagógica e à predominância de práticas transmissivas (Oliveira; Leray; Ferreira, 2021). Essa crítica é reforçada por análises que examinam a evolução do ensino maçônico e identificam desafios persistentes na organização das instruções, nas estratégias de ensino e na adaptação a contextos contemporâneos, inclusive no ensino a distância (Monteiro; Ismail, 2019). Esses autores destacam que a Maçonaria, embora detenha um método simbólico rico, enfrenta limitações decorrentes da falta de sistematização pedagógica — lacuna que a EJA, com seus referenciais consolidados, pode ajudar a superar.

A partir desse diagnóstico, torna-se evidente que a EJA oferece instrumentos teóricos e metodológicos

² Partindo da premissa do formalismo da ciência pedagógica.

capazes de fortalecer o processo de aprendizagem simbólica. A valorização da experiência, central tanto na EJA quanto no método maçônico, pode ser trabalhada de modo mais explícito nas Lojas, mediante práticas que incentivem a partilha de saberes, a reflexão sobre vivências e a interpretação colaborativa do simbolismo. A dimensão dialógica da educação popular pode aprimorar os espaços de instrução, aumentando sua densidade crítica e evitando a reprodução mecânica de conteúdos rituais.

A pedagogia histórico-crítica fornece diretrizes para organizar o ensino simbólico com maior rigor, articulando intencionalidade, mediação teórica e clareza metodológica, superando o imprevisto frequentemente constatado nas Lojas. A noção de pesquisa como princípio educativo oferece ao maçom instrumentos para aprofundar o estudo do rito, aproximando o processo formativo de uma lógica investigativa contínua.

Em síntese, a análise comparativa demonstra que o método maçônico e a EJA compartilham um núcleo pedagógico comum: valorização da experiência, investigação, construção ativa do sentido e aprendizagem em comunidade. Ao mesmo tempo, evidencia que a formação maçônica pode se beneficiar da EJA, especialmente no que se refere à organização didática, à mediação pedagógica e à intencionalidade formativa. A incorporação consciente desses aportes não altera a essência iniciática da Maçonaria, mas amplia a eficácia de seu processo educativo, tornando-o mais alinhado às necessidades dos adultos que compõem suas Lojas e mais coerente com práticas educativas contemporâneas. É nesse ponto que o diálogo entre rito e pedagogia se mostra não apenas possível, mas desejável.

5. CONCLUSÕES

A análise desenvolvida permitiu examinar, de modo sistemático, as interfaces possíveis entre o método de aprendizagem simbólica da Maçonaria e os fundamentos pedagógicos da Educação de Jovens e Adultos, respondendo à questão-problema que orientou o estudo: é possível identificar convergências metodológicas entre esses dois campos e, a partir delas, qualificar o processo formativo das Lojas simbólicas sem descaracterizar sua tradição iniciática? Com base nos referenciais teóricos examinados, a resposta é afirmativa.

O primeiro eixo analítico demonstrou que o método maçônico constitui uma forma de educação não formal-pedagógica, estruturada na vivência do rito, na mediação simbólica e na interpretação experiencial dos conteúdos. A literatura consultada evidencia que a pedagogia do símbolo possui potencial formativo expressivo, mas enfrenta desafios decorrentes da ausência de mediação

didática mais estruturada, da heterogeneidade etária dos iniciados e da prevalência de práticas transmissivas pouco alinhadas à natureza investigativa e reflexiva do rito.

O segundo eixo mostrou que a EJA oferece um arcabouço teórico robusto para pensar a educação de adultos, integrando contribuições da andragogia, da educação popular, da pedagogia histórico-crítica, da pesquisa como princípio educativo e da educação não formal. Esses referenciais valorizam a experiência do educando, a construção ativa do conhecimento, o diálogo, a problematização e a integração entre prática e reflexão — elementos que se coadunam com a natureza interpretativa e experiencial do simbolismo maçônico.

No terceiro eixo, a aproximação crítica entre os dois campos permitiu verificar convergências substantivas. Tanto a EJA quanto o método maçônico reconhecem o adulto como sujeito autônomo e protagonista da aprendizagem; ambos valorizam a trajetória de vida como ponto de partida; ambos dependem do diálogo, da troca comunitária e da investigação reflexiva para produzir sentidos. As práticas da EJA, contudo, oferecem instrumentos conceituais e metodológicos capazes de suprir lacunas identificadas na pedagogia maçônica, especialmente em relação à intencionalidade didática, à organização das experiências formativas e à necessidade de maior consciência pedagógica na mediação dos símbolos.

Assim, a hipótese do estudo se confirma: há compatibilidade estrutural entre o método de ensino simbólico da Maçonaria e os fundamentos educacionais da EJA, sendo possível incorporar aportes dessa última sem qualquer afronta à tradição, ao rito ou ao caráter iniciático da instituição. Pelo contrário, tais aportes podem fortalecer a prática educativa maçônica, tornando-a mais consciente, sistemática e adequada ao perfil adulto e idoso de grande parte de seus membros.

Do ponto de vista teórico e metodológico, a pesquisa evidencia que o aperfeiçoamento da formação maçônica passa por reconhecer o rito não apenas como estrutura simbólica, mas também como dispositivo pedagógico que requer mediação qualificada. Do ponto de vista prático, abre-se espaço para investigações futuras sobre a implementação de estratégias inspiradas na EJA em Lojas brasileiras, bem como estudos comparativos envolvendo outras tradições formativas de caráter não formal.

Em síntese, o diálogo entre a EJA e o REAA, e de um modo geral com os demais ritos, revela que a tradição iniciática, longe de se opor às teorias contemporâneas da educação de adultos, pode encontrar nelas caminhos férteis para renovar sua prática pedagógica, fortalecendo sua missão de

aperfeiçoamento humano e social. À luz desse entendimento, algumas iniciativas inspiradas na EJA podem ser incorporadas ao cotidiano das Lojas, respeitando integralmente a ritualismo:

(1) Roda de diálogo interpretativo após instruções formais, fortalecendo a construção coletiva do sentido e ampliando a compreensão simbólica.

(2) Relatos de experiência como disparadores pedagógicos, conectando vida, rito e reflexão crítica.

(3) Atividades de pesquisa simbólica orientada, aproximando o estudo maçônico da investigação ativa característica da EJA.

(4) Tutoria intergeracional entre irmãos, integrando experiência, memória e renovação pedagógica.

(5) Oficinas pedagógicas leves nas sessões de estudo, com metodologias participativas que reforcem autonomia, leitura crítica e clareza interpretativa.

Essas práticas, todas inspiradas em referenciais sólidos da EJA, demonstram que é possível qualificar o ensino maçônico sem alterar sua essência, ampliando sua intencionalidade educativa e permitindo que a experiência iniciática concretize plenamente seu caráter formador.

REFERÊNCIAS

- AGUDO, Marcela de Moraes; TEIXEIRA, Lucas André. **A educação de jovens e adultos e a pedagogia histórico-crítica: uma aproximação necessária.** *Crítica Educativa*, vol. 3, n. 3. 2017. São Carlos: UFSCAR Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/248>. Acesso em 20 out. 2025
- ANTUNES, Maria da Conceição Pinto; MACEDO, Ana Catarina. **O papel da educação não formal na promoção do envelhecimento bem-sucedido.** *Educação & Pesquisa*, v. 47, e228938, 2021. São Paulo: FapUNIFESP. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/H6zfRRVQvz4FSwTCvg66QZs/?format=html&lang=pt>. Acesso em 15 out. 2025
- ARROYO, Miguel González. **Formação de educadores de jovens e adultos.** In: SOARES, Leôncio (Org.). *Formação de educadores de jovens e adultos.* Belo Horizonte: Autêntica; SECAD-MEC; UNESCO, 2006. p. 17-32.
- CASTRO. Boanerges B. **Simbolismo dos Números na Maçonaria.** 3ª. ed. São Paulo: Livraria Maçônica Pau Fuchs, 2002.
- OLIVEIRA, Adriano Fernandes de; LERAY, Mauro; FERREIRA, Rodrigo Brandão. **A (in) eficácia do modelo de ensino-aprendizagem das lojas simbólicas maçônicas brasileiras.** *Revista Científica Maçônica Ad Lucem*. São Carlos: Editora Cubo, vol. 1, n. 1, p. 29-37. 2021. Disponível em: <https://www.adlucem.com.br/article/doi/10.4322/2763-6070.2021004>. Acesso em 10 out. 2025
- MARTINS, Rose Mary Kern. **Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos.** *Revista de Educação Popular*, v. 12, n. 1, 27 jun. 2013. Uberlândia: PPUFU - Portal de Periódicos da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331>. Acesso em: 22 nov. 2025.
- MONTEIRO, Rubens Caldeira, ISMAIL; Kennyo. **Ensino maçônico a distância: evolução e desafios.** *Revista Ciência e Maçonaria*. Vol. 6, n.1, p. 65-70, jan/jun, 2019. Brasília: No Esquadro. Disponível em: <http://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/ce/article/download/138/65>. Acesso em 10 out. 2025
- REIBNITZ, Cecília de Sousa; MELO, Ana Carolina Staub de. **Pesquisa como princípio educativo: uma metodologia de trabalho para a Educação de Jovens e Adultos. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 111, p. 484–502, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/yb4j3Sn68RMHj5RB6XgDPgL/abstract/?lang=pt>. Acesso em 19 nov. 2025.
- SAVIANI, Dermerval. **A Pedagogia Histórico-Crítica.** *Revista Binacional Brasil Argentina (RBBA)*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 11-36, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/rbba/article/view/1405/1214>. Acesso em: 29 nov. 2025.
- SILVA, Simone C. Rodrigues da; NUNES, Maria Alice Melo. **Um olhar sobre o método Paulo Freire na Educação de Jovens e Adultos.** *Revista Com Censo*, Brasília: Editora SEEDF, 2ª edição especial, n. 5, maio 2016.
- STRECK, Danilo R.; SANTOS, Karine. **Educação de Jovens e Adultos: diálogos com a Pedagogia Social e Educação Popular.** *EccoS Revista Científica*, núm. 25, enero-junio, 2011, pp. 19-37. São Paulo: Universidade Nove de Julho. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3215/2146>. Acesso em 20 nov. 2025.

VASCONCELOS, Clara; PRAIA, João Félix; ALMEIDA, Leandro S. **Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem. Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 1, p. 11–19, 2003. São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/knPKhBMSPJD4ZVP7LP9vWqN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 nov. 2025

VÓVIO, Cláudia Lemos; SILVA, Dirceu da; MENDES, Margarete Artacho de Ayra; Mansutti, Maria Amábile; DI PIERRO, Maria Clara; ALMEIDA, Maria Isabel de; JOIA, Orlando. **Educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 1997